



# Traços arcaicos do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha

Carolina Antunes\*

## Resumo

Neste trabalho que se enquadra na linha de pesquisa variacionista, pretende-se caracterizar o Vale do Jequitinhonha como um espaço de interseção e de hibridismo cultural no qual a variação lingüística é veio fértil para o conhecimento da língua em uso. Nesse sentido, como relevante componente dessa variação, destacam-se seus traços arcaicos, que dizem respeito à concreta realização dos sons e à estrutura em que comportamentos lingüísticos da época da colonização são intensamente produtivos, conquanto seja também intenso o processo de urbanização por que passa essa região.

Palavras-chave: Variação lingüística; Arcaísmo; Vale do Jequitinhonha; Dialeto rural.

Esta investigação de traços arcaicos na linguagem do Vale do Jequitinhonha pode ser vista como uma tentativa de aprofundar o entendimento do dialeto rural nessa região. Na verdade, o estudo que ora se apresenta integra um projeto que, enquadrando-se na linha de pesquisa variacionista e apresentando objetivos e anseios mais amplos, tem em vista não só a elaboração de uma obra – **Vocabulário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha** – como também, resalte-se, mostrar o impacto científico e social que essa tarefa implica, dada a sua relevância para os estudos lingüísticos contemporâneos. O levantamento desse vocabulário permite-nos não só complementar o registro e a descrição de uma variedade lingüística regional, como também oferecer subsídios para os estudos das manifestações culturais próprias a essa região mineira, na qual o recurso ao passado incorpora o presente, explicando-o.

---

\* UNI-BH.

Apropriando-me das palavras de Mattos e Silva (1991), estudiosa do período arcaico da Língua Portuguesa, segundo a qual:

nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com freqüência, nos faz. Para algumas perplexidades que a variação sincrônica levanta, um rápido olhar para a história passada esclarece. (p. 13-14)

confesso que, com as investigações que venho realizando, atualmente, acerca do dialeto do Vale do Jequitinhonha, tenho sido alvo de perplexidade, em face de sua variação sincrônica. Nesse caso, acredito, um olhar mais cuidadoso para a história – não tão passada – dessa região pode trazer algumas luzes que expliquem tal estado de coisas.

Indubitavelmente, para mim, que uso e tenho a oportunidade de refletir sobre a língua que uso, tais informações históricas são um instrumento útil que me abrem caminhos para o conhecimento de nossa Língua Portuguesa. Nesse sentido, pode-se afirmar que o conjunto de exemplos aqui apresentados constitui-se de dados reais de uso da língua falada no Alto, no Médio e no Baixo Jequitinhonha, dados esses que foram obtidos através de gravações efetuadas nos moldes de Labov (1972 e outros) e transcritos de acordo com critérios previamente estabelecidos.

Constituído de narrativas, o *corpus*-fonte do dicionário supracitado nos revela a presença de variados registros de língua, que exemplificam, fartamente, formas de linguagem oral usadas em regiões que se caracterizam pelo uso de um registro misto entre o popular e o coloquial, entre o sagrado e o profano. Tal fato, embora não se restrinja a essa região, tem uma significação particularmente relevante: o aspecto social está aí ilustrado, evidenciando as dicotomias: oral/escrito, padrão/não-padrão, regional/central, arcaico/moderno etc. Os exemplos abaixo:

- (1) a- “Chegô numa *artura*, veio um minino cum peixe na mão...”
- b- “É lógico que eu num vô güentá uma luta com *você*, um home forte desse jeito, e eu sô *franzino*...”
- c- “Quando eu *dei cor de si*, ela tinha cumido a cumida toda.”
- d- “Foi lá, pediu *refrigerante* (...): *fanta, coca-cola, guaraná*...”
- e- “E ele voltô po *hotel*, né?”
- f- “Nós viemo passá as *féria* aqui...”
- g- “*Telefonô* pr’um cara lá que num tava ovino o toque da vida.”

ilustram o transitar do narrador numa linguagem oral regional em que o velho e o novo se misturam, o que pode ser confirmado, ainda, em enunciados como:

- (2) a- “O pai rumô *matula* pra ele cumê na istrada...”  
 b- “Ô diacho, que é que tem? Ninguém vai contá pro rei. *Riba! Riba, boba, riba!*”  
 c- “Quand’ocê tivé no maió aperto, ocê grita po rei, po rei dos pexes que cê tem *valida*”.  
 d- “Nem tô *assuntano*”.

Os termos *matula*, *riba*, *valida*, *assuntano* e a estrutura sintática constituída da forma verbal *saí a passia* – verbo + preposição + verbo no infinitivo – típica do português de Portugal em contrapartida à variedade brasileira, em que não ocorre a preposição e o verbo se apresenta no gerúndio, apontam para o registro lingüístico daquele que narra, assinalando um traço conservador da linguagem na região. Tais exemplos confirmam a idéia – defendida e comprovada, sobretudo por adeptos da Sociolingüística, de que, na história das línguas, fatores extralingüísticos, como os socioculturais, são passíveis de influir na variação e mudança lingüística.

Através da própria língua e das imagens para as quais apontam, esses exemplos confirmam a influência do fenômeno de modernização tardia por que passa o Vale do Jequitinhonha, o que o caracteriza, sob esse ponto de vista, como um espaço de interseção.

Os dados – em coleta desde o final da década de 1980 – caracterizam-se pela variação, especialmente lexical, cujas realizações fônicas, se, por um lado, revelam o caráter conservador dessa linguagem, por outro, indiciam as mudanças ocorridas. Assim, eles não são apenas um importante subsídio para o conhecimento da língua em uso na região em estudo, mas também para uma melhor apreensão e compreensão das formas que persistem ao longo dos tempos.

Tais constatações são confirmadas pela Professora Marlene Zica Vianna (2002), que, em recente trabalho sobre o léxico do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha, afirma o seguinte:

- a) Parece não haver fronteiras nítidas entre determinados grupos dialetais. Certamente o levantamento e a análise tanto quanto possível abrangentes desse vocabulário vão revelar-nos uma realidade lingüística mais complexa e heterogênea do que aquela que se pode supor.  
 b) O falar rural mostra tendência ao conservadorismo, acolhendo formas e estruturas consideradas arcaicas. Muitas, pensadas como brasileirismos, na verdade não passam de formas e estruturas recebidas diretamente dos nossos antepassados lusitanos. Elas persistem na linguagem do Vale do Jequitinhonha... (p. 3)

Como se sabe, a definição do que seja, no tempo, o português arcaico tem provocado debates entre os estudiosos. “Os historiadores e filólogos que a esse período do português se têm dedicado são unânimes em situar seu início nos

princípios do século XIII, porque para isso têm uma razão implícita: é nesse momento que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita” (MATTOS e SILVA, 1991, p. 15). O término do período arcaico, entretanto, parece ainda permanecer sem definição, embora, didaticamente, se aponte o século XVI como o limite inicial de um novo período na história da língua.

Neste trabalho, justificando o título – “Traços arcaicos do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha” –, devo esclarecer que não tenho a preocupação de discutir a respeito da origem do fenômeno: “arcaísmo ou brasileirismo?”. Debruçando-me sobre o vasto material que tenho em mãos, transcrições de narrativas gravadas nas três microrregiões do Vale do Jequitinhonha, não só me dei conta do hibridismo cultural da região, como, também, do hibridismo lingüístico, que apresenta, em seu quadro de variação, uma boa dose de material arcaico. Denomino, aqui, *arcaísmo* o item lexical ou a construção sintática de um sistema já desaparecido ou que está por desaparecer, mas que permanece numa dada sincronia. Por conseguinte, na análise em questão, tal como Penna (1998), valho-me da hipótese de retenção lingüística, utilizada por ela para explicar o uso do *ele acusativo* no português do Brasil.

Levanto, pois, na contemporaneidade do Vale do Jequitinhonha, exemplos de itens léxicos, de estruturas lingüísticas, que se encontram registradas em textos do período arcaico da língua portuguesa, ao longo do século XIII ao XV. Além disso, na elaboração do dicionário que vimos fazendo, temos buscado apoio nas normas observadas em um dos dicionários mais recentes da Língua Portuguesa, que é o **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, cuja primeira edição é datada de 2001. Com isso, vimos aplicando, dentre outras, as regras concernentes à *datação* das palavras/expressões, que, segundo esse lexicógrafo, deve ser feita da seguinte maneira: “Anota-se a data do primeiro registro conhecido ou estimado de uma palavra, com indicação da fonte onde ocorre ou da primeira obra lexicográfica que a inclui em sua nominata” (HOUAISS, 2001, p. 21).

A partir do exposto, convém, agora, trazer a exemplificação de arcaísmos encontrados, ainda, na região em pauta. Em primeiro lugar, citem-se alguns que dizem respeito à realização concreta dos sons, ou seja, os *arcaísmos fonéticos*, e, em segundo, os *arcaísmos gramaticais*.

Quanto aos primeiros, os *arcaísmos fonéticos*, destaquem-se, por sua expressividade, formas fonéticas em que ocorre o rotacismo, isto é, o fenômeno da substituição de / l / por / r / no final da sílaba, no interior da palavra ou em grupos consonantais, em que a líquida lateral é o segundo elemento do grupo consonantal, conforme se constata em: [plāta’sāw] ~ [prāta’sāw], [‘flo] ~ [‘fro], [‘kla-si] ~ [‘krasi], que convivem de forma harmônica. Vejam-se, abaixo, casos de rotacismo, nos quais, r substitui o l travador de sílaba:

- (3) a- “Se causo vim *arguém* aqui, vão dá fogo. Num vão brincá não.”  
 b- “Aí, a bruxa Eva era uma pessoa *sarva*, a pessoa mais *sarva* na vida espiritual.”

Ressaltem-se, também, os exemplos em que ocorre a despalatalização do fonema líquido, graficamente representado por -lh:

- (4) a- “— Ô, meu *fiô*, cê num pode levantá farso, não! Levantá farso num pode!”  
 b- “— Dexa de se besta, *muié*! Quando é que Pena Verde sai uma hora dessa?”

Chama-nos a atenção, ainda, por sua intensa produtividade no dialeto rural, a redução de ditongos decrescentes, ilustrada nos dois exemplos abaixo:

- (5) a- “Diz que vei uma namorada dele que ele *dexô*, e *abraçô* ele, *bejô* ele”  
 b- “Aí, quando ele foi e vendeu o freio, o cavalo *baxô* a cabeça e *ficô* triste, né?”

Esse fenômeno, característico da Língua Portuguesa em geral, já nos séculos XII e XIII, devido ao apagamento da semivogal [y] nos referidos ditongos, produzia formas monotongadas.

Juntam-se a esses dois fenômenos a nasalação, a epêntese, a aférese, que, paralelamente a formas como *ignorar*, *exame* / *igual*, *peçoal* / *amarrar*, *assuntar* etc., geram outras variantes como *ingnorá*, *inxame* / *iguale*, *peçoale* / *marrá*, *suntá*.

Dos arcaísmos gramaticais, pode-se dizer que o *corpus* coletado para o estudo do dialeto regional, objeto da nossa pesquisa, revela comportamentos lingüísticos próprios da língua dos colonizadores, bastante produtivos. Um deles é o emprego do pronome reto de terceira pessoa – *ele*, *ela*, *eles*, *elas* – como expressão do objeto direto, processo que vem suscitando discussões entre os estudiosos, em relação à sua origem. Estaríamos, no caso, diante de um “brasileirismo” ou de um “arcaísmo”? Penna (2002), voltando à sua origem demonstrativa no latim e buscando registros do fenômeno em fontes não-literárias do português arcaico, opta por considerar a permanência do pronome *ele* em função acusativa no português brasileiro como um caso de arcaísmo. Nos dados coletados no Vale do Jequitinhonha, percebe-se que é essa a forma praticamente única para a representação do objeto direto anafórico. Exemplos:

- (6) a- “— Ó, moça... o home matô a si mesmo. O fato dele tá aí. Nós *vimo ele matano ele.*”  
 b- “E o urubu gordo, ao invesso de fazê verão e *levá ele* pra cima, fez verão e desceu.”

Outro arcaísmo gramatical a ser mencionado é o da construção que apresenta *verbo de movimento* com a *preposição em*, hoje pouco usada no português europeu, porém, sintaxe representativa da fala popular brasileira. Nos dados consultados até então, esse tipo de verbo, categoricamente, não vem seguido da preposição *a*. Exemplos:

- (7) a- “Ele foi abrino picada, abrino picada até que *saiu num...* num pé de barroca.”  
 b- “Aí diz qu’ele *chegô na casa* e falô assim: ‘— Compõe, tuaia!’. E ela compôs.”

Somam-se, aos arcaísmos fonéticos e sintáticos, os **lexicais**, cuja presença é marcante no Vale do Jequitinhonha. Ilustram-nos isso itens como os de abaixo, transcritos em sua pronúncia dialetal e acompanhados de sua definição e exemplificação contextual.

A – **aculá**: lugar longe tanto da pessoa que fala quanto da que ouve. Exemplo:

- (8) “Ó, *seu vigaro, a matriz é aculá, num é aqui não. Aqui é minha casa. A matriz é do lado de lá da rua.*”

B- **arriba**: indica a parte superior de algo. Exemplo:

- (9) “*Aí era vale, era uns pasto aí arriba, era tudo vale.*”

C- **buli**: mexer com alguém causando-lhe incômodo. Exemplo:

- (10) “*Agora cês que mexeu na assombração tão bulino cumigo*”

D- **(mu)cado**: indica grande quantidade de algo quando precedido do artigo indefinido *um*. Exemplo:

- (11) “*Comprô um cado de lingüiça e amarrô no pescoço essas lingüiça e arranjô um mucado de cachorro.*”

**E- dibruçada:** estar inclinada para a frente, de bruços. Exemplo:

(12) *“Intão, fiquei ali dibruçada, olhano.”*

**F- entonce:** indica relação de conclusão. Exemplo:

(13) *“Onça, patrão, eu pego aquilo a unha! — Ô, moço, entonce, quem sabe se dá pr’ocê matá essa onça?”*

**G- inhante:** denota tempo anterior a. Exemplo:

(14) *“Esse galo, quando o mundo tivé perto de acabá, ele vai cantá treis dia inhante”.*

**H- sujigá:** prender algo ou alguém com força, machucando. Exemplo:

(15) *“Aí o capeta discuidô dele. Ele pegô o capeta po beijo cum a truquesa. E sujigô o capeta na truquesa”*

**I- zelá:** tomar conta de algo ou de alguém com atenção, cuidado e interesse. Exemplo:

(16) *“Num era caçadô, mas era um home que tinha uns cachorro muito bão e era um véi’assim que zelava muito das coisa dele...”*

De tudo que aqui foi dito, ainda que brevemente, pode-se depreender a importância da variação lingüística, o maior ganho da Sociolingüística; do léxico como um indispensável componente de uma descrição gramatical, já que é fonte para os estudos da sociedade e da cultura; os dois como componentes de uma corrente dos estudos lingüísticos que procura abordar o discurso em toda a sua complexidade, concebendo-o como um objeto lingüístico e cultural.

Assim, este trabalho confirma a concepção de língua como um sistema em uso efetivo em que arcaísmos integram, ainda de modo profícuo, contextos comunicativos no Vale do Jequitinhonha, apesar da força dos meios de comunicação de massa e dos avanços tecnológicos advindos do processo de urbanização que assola o mundo.

## Résumé

Dans ce travail, qui est d'accord avec l'orientation de la recherche de la variation, on prétend caractériser le Vale do Jequitinhonha comme un espace d'intersection et d'hybridisme culturel, dans lequel la variation linguistique est un filon fertile pour la connaissance de langue en usage. Dans ce sens, comme élément remarquable de cette variation, on détache ses traits archaïques, qui ont relation avec la réalisation concrète des sons et avec la structure dans laquelle les comportements linguistiques de l'époque de la colonisation sont profondément productifs, quoique soit aussi intensif le procès d'urbanisation subit par cette région.

Mots-clés: Variation linguistique; Archaïsme; Vale do Jequitinhonha; Dialect rural.

## Referências

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

PENNA, Heloísa Maria Moreira. *O emprego do pronome tônico de terceira pessoa em função acusativa no português do Brasil: mudança ou retenção?* 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTOS, Carolina S. Antunes. *Aspectos do linguajar rural da região de Turmalina*. 1985. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIANNA, Marlene Machado Zica. Comunicação apresentada na "Semana de Letras" do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), 12/10/92.

